

PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA EM DANÇA:

entre saberes e modos de fazer

Mônica Corrêa de Borba Barboza
Eleonora Campos da Motta Santos
Rubiane Falkenberg Zancan (orgs.)


Editora
UFPel



PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA EM DANÇA: entre saberes e modos de fazer

Mônica Corrêa de Borba Barboza
Eleonora Campos da Motta Santos
Rubiane Falkenberg Zancan (**orgs.**)

Pelotas, 2024





**Editora
UFPel**

Filiada à ABEU

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3284 1684
editora.ufpel@gmail.com

Dados de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Leda Lopes - CRB-10/2064

P371 Pedagogia universitária em dança [recurso eletrônico]:
entre saberes e modos de fazer / organização Mônica
Corrêa de Borba Barboza, Eleonora Campos da Motta
Santos e Rubiane Falkenberg – Pelotas : Ed. UFPel, 2024.
283 p.: il.

15,5 MB, eBook (PDF)
ISBN: 978-85-60696-47-5

1. Dança – formação. 2. Pedagogia. 3. Inclusão.
4. Acessibilidade. 5. Sexualidade. I. Barboza, Mônica
Corrêa de Borba, org. II. Santos, Eleonora Campos da
Motta, org. III. Falkenberg, Rubiane, org.

CDD 793.3

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane

Administrativo

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Seção de Produção

Preparação de originais

Eliana Peter Braz

Administrativo

Catologação

Madelon Schimmelpfennig Lopes

Administrativo

Revisão textual

Anelise Heidrich

Assistente de Revisão

Suelen Aires Böettge

Administrativo

Projeto gráfico e diagramação

Fernanda Figueredo Alves

Carolina Abukawa (Bolsista)

Coordenação de projeto

Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção

Marisa Helena Gonsalves de Moura

Administrativo

Eliana Peter Braz

Administrativo

Newton Nyamasege Marube

Administrativo

Projeto Gráfico & Capa

Carolina Abukawa

Revisão Textual

Bruno Cardozo Gonçalves (Estagiário)

Descrições das imagens

*DiVerso: um programa de arte acessível
(programa de extensão do curso de Dança
Licenciatura da UFSM)*

Memórias, histórias e diagonais de uma professora de dança

Maria Luisa Oliveira da Cunha

Primeira diagonal: caminho.

Descobri-me dançando muito cedo, em um tempo de recomendações médicas e de aconselhamentos paliativos a uma saúde debilitada. Foi nesse tempo que me encontrei caminhando pela casa, sobre os dedos dobrados dos pés, encantada em dar os primeiros passos para chegar a uma sapatilha de ponta, *status* muito distante da real situação social de minha família. Guardadas as proporções das privações que os detrimientos socioeconômicos me causaram, em contraponto, tive uma família muito presente e que me ajudou a ultrapassar as barreiras do impossível, física e socialmente.

Dancei. Dancei com as sapatilhas. Dancei sem elas, de pés descalços e de alma cheia de uma paixão sem fim pela dança.

E aqui estou, agora, na diagonal da sala de dança da minha vida a qual passei por muitos movimentos que derivaram diversas histórias que poderia contar neste texto.

Neste exercício de escrita voltarei meu olhar para a última terça parte da primeira diagonal desta coreografia na qual me encontrei com o Doutorado e escolhi como movimento o estudo das memórias da dança na cidade de Porto Alegre, mais especificamente, de uma escola de dança que, na década de 50, teve grande expressão na cena artística da cidade²⁹.

29 A tese doutoral “Pelas fronteiras sem fim da dança: memórias da Escola de dança João Luiz Rolla (1951 – 1986) está disponível em *Pelas fronteiras sem fim da dança: memórias da Escola de Dança João Luiz Rolla (1951-1986)*

Fui aluna, da aluna, da aluna do grande mestre João Luiz Rolla, primeiro professor homem de dança a dirigir uma escola de dança na cidade de Porto Alegre, e recebi seus ensinamentos através das gerações dançantes que passaram por mim. Contar uma versão desta história me fez entender estar em missão particular de continuar a dançar com os argumentos, os contrapontos, as descobertas, as premissas, as categorias, os figurinos, as luzes, o palco, mesmo que escrevendo, pois o dançar das palavras também é um espetáculo, dos tantos que dancei e dançarei.

Nesses espetáculos, momentos atemporais, com lógica própria, acontecidos em um lugar inventado no tempo, eivado de distintas e generosas emoções, compartilhei muito da minha história que segue guardada em caixas de fotografias, programas, convites de espetáculos, figurinos antigos, todos objetos que narram história e guardam uma temporalidade fugaz que, mesmo tendo passado, está sempre presente.

E foi com o cuidado que aplico a esses pequenos contares da minha história e a esses meus objetos que dizem sempre muito mais para mim que para os que os possam manuseá-los, que me inclinei à pesquisa em acervos pessoais e entendi ser necessário produzir a tese como se produz um espetáculo, com cenário, iluminação, sonorização, ensaios, figurinos, bailarinos, plateia... pontos relevantes para que a realização desse momento ímpar, para a dança, aconteça. Assim, ao abrir as páginas da minha tese de doutoramento, abriu-se para mim a construção de um espetáculo de dança escrita, na qual tive a redundante ação de dar luz à Escola de Dança João Luiz Rolla.

No capítulo O Cenário, o fundo de palco do espetáculo, local onde é dado ver a arte da dança, abordei o marco teórico que elegi para a análise do contexto estudado, a História Cultural³⁰. Sob esse aporte para a discussão teórica é que contemplei o desenrolar da cena.

No capítulo A Iluminação, apresentei o método escolhido para dar luz a análise, fazendo uso da História Oral³¹ em entrevistas com ex-alunas e ex-alunos da Escola, seguindo uma planificação regulamentada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizadas dentro do projeto Garimpendo

30 Sobre História Cultural a tese aborda, entre outros, Thompson (1992), Cardoso (1992), Chartier (1991 e 2000), Caldas (2001), Pesavento (2002), Burke (2005) e Carretero (2007).

31 Sobre História Oral, a tese aborda, entre outros, Alberti (1989 e 2005), Ferreira (1994 e 1996), Portelli (1997), Veyne (1998), Silva (2002), Goellner (2003), Meihy (2006).

Memórias do Centro de Memória do Esporte (Ceme) da Esefid/UFRGS³². Além desse primeiro acercamento em entrevistas individuais, possibilitei a proximidade física ao acervo pessoal de João Luiz Rolla através da formação de um grupo focal (GF) com ex-alunas de sua Escola, onde o manuseio dos documentos permitiu a iluminação da memória de um coletivo que viveu determinado período, em nexos diretos, com relações diversas, uma mesma história.

Para além desta proximidade dos que podem estar fisicamente em contato com o acervo, atendi às políticas públicas de acesso livre à informação³³, considerando a importância da produção e difusão do conhecimento, oportunizando maior visibilidade e acessibilidade a esse acervo pessoal e, conseqüentemente, à Escola de Dança João Luiz Rolla por meio do Repositório Digital do Ceme, sendo este ancorado no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Lume)³⁴.

No capítulo O Espetáculo: a Escola de Dança João Luiz Rolla, que é o objeto de estudo da tese, abordei em prólogo, três atos e epílogo o desenvolver dessa história, no período de 1957 a 1986, com base em um catálogo de mais de 1.000 itens documentais do acervo pessoal do professor João Luiz Rolla pertencente ao Ceme.

Tal acervo é composto por fotografias, figurinos, desenhos de figurinos, programas de espetáculos, certificados, diplomas, entre outros itens, e por 48 entrevistas com os sujeitos envolvidos que viveram, acompanharam ou assistiram essa história. Este capítulo se encontra subdividido nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, visando a dar uma maior clareza aos acontecimentos e relacionando-os ao entorno que os cercaram.

32 O Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ceme) foi implantado em janeiro de 1997, como fruto de um projeto inicial para a criação do Memorial Esef/UFRGS em conjunto com a Biblioteca Edgard Sperb (Biblioteca setorial da Escola de Educação Física). Tem como missão reconstruir, preservar e divulgar a memória do esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul e no Brasil.

33 Sobre o acesso livre à informação a tese aborda, entre outros, Jardim (1999), Harnad (2004), Silva (2008), Baptista (2007), Santos Junior (2013), Alves (2014), e Leite (2013).

34 O Lume é reconhecido internacionalmente e ocupa o 41º lugar dentre mais de 1.500 repositórios digitais em todo o mundo segundo o *Ranking Web of World Repositories*, elaborado pelo *Cybermetrics Lab*, grupo de pesquisa do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas* (CSIC), ligado ao Ministério da Educação da Espanha.

No capítulo O Apagar das Luzes, autorizei-me a ir além de meu marco teórico para contemplar o leitor com os desenlaces finais dessa história, e na sequência traçando as considerações finais.

Dessa primeira diagonal, é possível evidenciar um *modus operandi* no registro destas memórias que trouxeram à cena a história de uma escola de grande importância na formação dos bailarinos, de hoje e de ontem, na nossa cidade, como também da cena artística e da força da dança naquele período.

Ouvir o ruído das roldanas que carregam o veludo vermelho que descortinou essa caminhada, evidenciando as possibilidades do trabalho com as memórias e a sua importância na construção artística de todos nós que vivemos a dança, e ver abrirem-se as cortinas para tantas outras histórias que podem ser contatadas nos dá um horizonte de possibilidades, e motivam a seguir estes caminhos que revelam personagens de outras histórias que nos formaram na arte da dança.

Segunda diagonal: espaço

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), situada na cidade de Porto Alegre, é uma instituição centenária e está firmada em normas de estatuto e regimento a ser, como Universidade Pública, a expressão da sociedade democrática e pluricultural, inspirada nos ideais de liberdade, de respeito pela diferença, e de solidariedade, constituindo-se em instância necessária de consciência crítica, na qual a coletividade possa repensar suas formas de vida e suas organizações sociais, econômicas e políticas (Art.2º. Regimento Geral UFRGS).

A abrangência de atuação com cursos em todas as áreas do conhecimento, da educação básica à pós-graduação; a qualificação do seu corpo docente, composto em sua maioria por doutores; a atualização permanente da infraestrutura dos laboratórios e bibliotecas; o incremento à assistência estudantil; e a priorização de sua inserção nacional e internacional são políticas em constante desenvolvimento relatados no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI – UFRGS).

Guiada pelos princípios constitucionais da liberdade de ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; gratuidade do ensino; gestão democrática; valorização dos profissionais do ensino; garantia de padrão de qualidade; respeito à dignidade da pes-

soa humana e seus direitos fundamentais; e da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão descritos em seu regimento, a UFRGS figura como expoente na produção do conhecimento nacional e internacionalmente.

Este princípio de indissociabilidade está estabelecido na Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu artigo 207, onde encontramos que:

As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 1988).

Ao refletir sobre o fazer universitário, a partir desse viés, vamos ao encontro de uma formação acadêmica articulada com a realidade social estabelecida em uma relação dialética entre teoria e prática (Dias, 2009), capacitando os estudantes em sua formação através da compreensão da realidade e promovendo o pensamento transformador que busca soluções para alterá-la (Freire, 1979).

Assim, ao reconhecer a tridimensionalidade do fazer universitário, entendemos esta prática como o desafio que está proposto numa nova realidade socioeducativa.

A formação de profissionais engajados na realidade que o cerca e, por consequência, reflexivos por estarem nessa realidade, deve se tornar uma meta prioritária em um currículo de formação, pois profissionais reflexivos despertam um caráter crítico sobre sua própria prática buscando assim aprimorá-la (Perrenoud, 2002).

Neste espaço democrático de produção do conhecimento, desenvolvi na última década um trabalho unificado entre ensino, pesquisa e extensão com ênfase nos estudos da memória e da história da dança através dos processos de “ensinagem”³⁵ (Anastasiou, 1997).

Desde a graduação, identifiquei a ausência das nossas danças gaúchas como conteúdo de disciplinas do curso de Educação Física, tendo espaço unicamente em algumas vivências de uma ou duas aulas na cadeira de Rítmica Dança. Ques-

35 A expressão ensinagem foi inicialmente explicitada no texto de L. G. C. Anastasiou (1997), resultante da pesquisa de doutorado *Metodologia do Ensino Superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica*. Termo adotado para significar uma situação de ensino da qual necessariamente decorra a aprendizagem, sendo a parceria entre professor e alunos condição fundamental para o enfrentamento do conhecimento necessário à formação do aluno durante o cursar da graduação.

tionava-me constantemente sobre as razões pelas quais a universidade não possibilitava essa aproximação com a cultura e as tradições gaúchas.

Eu, que aprendi em família a dançar a vaneira gaúcha colocando os meus pés sobre os pés do meu pai e o xote figurado pelas mãos de meu tio, refletia com estranheza esse distanciamento acadêmico das nossas próprias raízes. Foi então que optei por abordar como conteúdo, na cadeira de Danças Populares, as Danças Tradicionais Gaúchas.

O interesse dos alunos pela “novidade” fez com que os ensaios daquelas danças ultrapassassem as horas-aula e começassem a configurar o que viria a se transformar no Projeto de Extensão Universitária Grupo de Danças Tradicionais Gaúchas Tche UFRGS, que completará, em 2022, 16 anos. De tímidas apresentações com roupas emprestadas à turnê internacional na Ásia, na Turquia, na Europa, na França, e na América Central, na Costa Rica, vão tantas experiências que enriqueceram o caminhar de todos que se aproximaram, passaram ou permanecem no grupo.

Hoje, representamos à UFRGS um grupo que, atido às tradições de um povo culturalmente reconhecido e caracterizado por seus valores, sua tradição, sua história e acentuado regionalismo, propaga cultura enriquecedora do patrimônio histórico-cultural do Brasil, visando preservar, promover e transmitir as Danças Tradicionais Gaúchas, mantendo a autenticidade e a originalidade marcantes nas expressões dançantes dos povos.

O Grupo Tradição Cultura Herança Tche UFRGS, direcionado tanto a comunidade da UFRGS, como a comunidade externa à universidade, fomenta a prática dessas danças com base em pesquisa histórica, propagando a tradição e a cultura gaúcha na esfera universitária.

Essa ação revela-se tanto em um campo para formação acadêmica, como de integração com segmentos externos à universidade, ressaltando sua relevância ao devolver à sociedade o conhecimento produzido na universidade. Esta ação de promover a prática da dança, além de ser proporcionada de forma totalmente gratuita, atinge crianças, adultos jovens e adultos na melhor idade, ramificando assim o projeto em:



Imagem 1 – Grupo TCHEzinho

Fonte: Acervo da autora.



Imagem 2 – Grupo TCHEche Xirú

Fonte: Acervo da autora.



Imagem 3 – Grupo Tradição Cultura Herança TCHEche UFRGS

Fonte: Acervo da autora.

De fato, é necessário fazer o que se ama para que o trabalho seja fonte de alegria. Realizo-me ao constatar quais ações posso fomentar na vida desses estudantes e comunidade que, muitas vezes, procuram o grupo sem nunca ter dançado tais danças, mas que nutrem por elas admiração. Como professora universitária, tenho realizado muitos sonhos e, sem dúvida, o maior deles é fazer a diferença na vida dos que de mim se aproximam, buscando o bem comum.

Esses estudos, trazendo pertinência ao que buscava desenvolver, possibilitaram-me uma visão ampliada sobre a pesquisa qualitativa, sobre a importância do acesso livre à informação e, sobretudo, sobre o lugar da dança na história e sobre minha responsabilidade em trazer à visibilidade a história que me antecedeu, dando lastro, também, para minha caminhada.

Assim, neste espaço da universidade federal, pública, gratuita e de qualidade, iniciei o contar histórias dançadas norteada pelo estudo realizado na tese doutoral e transformando os novos estudos em espetáculos de dança. Com muita paixão, não tenho dúvidas. Paixão pela dança.

Terceira diagonal: histórias dançadas

A história da dança constitui-se em um campo de estudo que, resultado de sua própria formação, há muito deixa vestígios com significados no tempo e no espaço em que ocorreram. O mérito de estudar e de escrever a história de determinado acontecimento está na possibilidade criativa, investigatória e no olhar não convencional às fontes.

O espetáculo Paixão pela Dança, encenado em Porto Alegre no ano de 2017 pelo Grupo de Danças Tradicionais Gaúchas Tche UFRGS, é resultante da linha de pesquisa descrita neste texto, tendo como ponto central a entrevista concedida a diretora e coreógrafa do grupo, autora deste trabalho, pelo folclorista, pesquisador e historiador João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, fundamentada na metodologia da história oral, numa abordagem Histórico-Cultural e vinculada ao Projeto de pesquisa Arandú³⁶ História e Memória da Dança. Esse projeto se abre a partir dos caminhos percorridos, suscitando o reviver da experiência significativa registrada

36 A palavra Arandú, cunhada na língua guarani, tem como significado na língua portuguesa a palavra Saber (Sampaio, 2016).

na memória dos sujeitos dançantes que constituem nossa história. É através da entrega gratuita destas memórias, da partilha destes saberes dos sujeitos envolvidos que é possível registrar e perpetuar os movimentos dançantes que formaram a história da nossa dança.



Imagem 4 – Elenco do espetáculo Paixão pela Dança

Fonte: Acervo da autora.

O encontro com João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, instada por minha prática diária no grupo de Extensão Tche UFRGS; a curiosidade por saber mais da história da dança por ele pesquisada; e o início dos trabalhos de Pesquisa do Projeto Arandú, não por acaso, resultaram no primeiro estudo oriundo de uma metodologia estabelecida no encontro, na escuta. Escolhi encontrar minha estrada com a do precursor da pesquisa das danças tradicionais gaúchas e saber dele sua versão para esta história já contada por tantos autores.

Foi possível descrever o processo a que me vi submersa quando essa história de Paixão Côrtes me encontrou. Os aspectos registrados e catalogados, promotores ou resultantes dessa criação subsidiam o pensamento de que é possível, e para além, é imprescindível, que contemos as histórias da dança

dançando. São registros de outros códigos, outros símbolos, factíveis de serem transportados com toda sua riqueza de vivências e de experiências para o movimento que é a nossa arte. Desta maneira, minha missão aqui não se deu somente em descobrir os fatos passados, mas colaborar/participar com uma visão particular sobre o que aconteceu, vendo este acontecimento como parte de uma ação que se deu em determinado contexto e está relacionado a acontecimentos do entorno.

Buscar fazer, nas ideias predominantes dos discursos, conexões enriquecidas pelos intercruzamentos de diferentes informações criou uma narrativa significativa e coerente dos fatos. Desta forma, ao possibilitar o encontro de vozes, imagens, documentos e figurinos que construíram este momento histórico retratado no espetáculo de dança, é possível torná-lo/produzir conhecimento.

As ações, as intenções, que motivam as ações, as suas consequências visibilizadas dentro de um contexto social, abrem-se como um livro para a compreensão dos fenômenos estudados. E, ao narrar os acontecimentos, re-crio, revivo, refaço obra de vida, transformo em obra de arte dando sentido à experiência humana.

Dentre os materiais promotores e resultantes desta criação, foi possível registrar e catalogar o programa do espetáculo, o cartaz de divulgação, os desenhos e os croquis de cenário, as imagens de figurinos e as imagens fotográficas do espetáculo.

Da mesma maneira, este trabalho demonstrou detalhadamente a pesquisa realizada para a elaboração das cenas, das coreografias, da música, dos figurinos, identificando elementos utilizados para criação resultante da pesquisa em história oral.

O espetáculo Paixão pela Dança ocupou um lugar de visibilidade num contexto histórico, em si, único, e como pesquisadora precisei descobrir os nexos existentes nos contextos circundantes e suas múltiplas relações.



Imagem 5 – Cena As missões

Fonte: Acervo da autora.

As falas mostram a costura dos pactos no contexto social, as diferentes práticas e as visões sobre estas que cada agente trouxe numa representação do real, iluminando este ou aquele detalhe da história que para si fez mais sentido, teve mais valor, e foi se formando assim um *patchwork* de memórias que amparou a criação das cenas do espetáculo.



Imagem 6 – O colégio Julinho

Fonte: Acervo da autora.

Essas práticas recontadas possibilitam reconhecer uma maneira própria de estar no mundo, uma identidade social, e as representações que dos discursos emergem, mostram as motivações e os interesses dos grupos que as teceram. Um olhar aguçado foi necessário para identificar que estes discursos dizem mais do que mostram, pois carregam sentidos ocultos construídos social e historicamente, e internalizados no inconsciente coletivo passam a ser identificados como naturais.

A oportunidade que tive, ao criar esta obra, de transformar a riqueza do relato oral, da história contada, das memórias vividas neste espetáculo de dança me fez entender o grande desafio e compromisso com o estudo do ser humano no tempo, pois, para além de trazer ao público esta versão da história, senti-me compungida a investigar os vestígios, comprovar as diversas versões de um mesmo fato, alimentar a criação com verdades e trazer à vida cenas que certamente não ocorreram daquela maneira, mas que causaram na assistência lembranças vivas de um tempo que nós no palco não vivemos.



Imagem 7 – Cena Paixão pela dança

Fonte: Acervo da autora.

Na assistência da estreia deste espetáculo, estava o autor da história contada. Com o peso dos tempos que viveu, e mesmo debilitado em sua saúde, fez questão de lá estar para viver mais este momento. Ao final do espetáculo, a cortina fecha e, ao reabrir, temos conosco no palco João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes que, cercado por todos os agentes da arte daquele espetáculo, recebeu os aplausos da plateia. Por fim, já sentado em sua cadeira, Paixão nos entregou suas palavras como presente: “Eu nunca pensei em ver um espetáculo como este. Valeu os noventa anos!”



Imagem 8 – João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes no palco ao final do espetáculo

Fonte: Acervo da autora.

Para mim, valeu uma vida. Uma vida de estudos e sonhos.

Valeu como meta, como desafio.

Valeu chegar até aqui, olhar para trás e ver a menina que andava pela casa sobre os dedos dos pés dobrados dizendo que “estava dançando como uma bailarina” tornar-se uma. E compartilhar na ensinagem produzindo conhecimento em arte.

Assim, chego ao final desta última diagonal de uma sala de dança contando os entrelaçamentos de meus estudos da tese e o quanto eles reverberam nos fazeres do ensino, da pesquisa e da extensão a que me dedico.

Da próxima história que vamos contar ainda não sabemos... mas que será dançando, disto temos certeza!

Referências

ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. FGV Editora, Rio de Janeiro, 2005.

ANASTASIOU, Lea. *Metodologia do/no ensino superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

ALVES, Virginia. *Open Archives: via verde ou via dourada?* Ponto de Acesso, v. 2, n. 2, p. 127-137, ago./set. 2008. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1780/2172>. Acesso em: 25 maio 2023.

BAPTISTA, Ana. *et al. Comunicação científica: o papel da Open Archives Initiative no contexto do acesso livre*. Florianópolis, n. esp. 1º sem. 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/377/435>. Acesso em: 25 maio 2023.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 jan. 2023.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALDAS, Alberto. *Nas águas do texto: palavra, experiência e leitura em história oral*. Porto Velho: Edufro, 2001.

CARDOSO, Ciro. *Uma introdução à história*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CARRETERO, Mario. *Documentos de identidad: la construcción de la memoria histórica en un mundo global*. Buenos Aires: Paidós, 2007.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-91, 1991.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DIAS, Ana. *Discutindo caminhos para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*. Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física, vol. 1, n. 1, p. 37-52, ago. 2009. Acesso em: 27 jun. 2013.

FERREIRA, Marieta. *História oral: um inventário das diferenças*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Entrevistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994. p.1-13.

FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina. eEd.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOELLNER, Silvana. *Informação e documentação em esporte, educação física e lazer: o papel pedagógico do Centro de Memória do Esporte*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 25, n. 1, 2003.

HARNAD, Stevan; BRODY, Tim; VALLIÈRES, François; CARR, Les; HITCHCOCK et al. *The green and the gold roads to Open Access*. Serials Review, v. 30, issue 4, p. 310-314.

JARDIM, José. *O acesso à informação arquivística no Brasil: problemas de acessibilidade e disseminação*. Caderno de Textos. Mesa Redonda Nacional de Arquivos, 1999. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

LEITE, Fernando; COSTA, Sely. *Repositórios institucionais como ferramentas de gestão do conhecimento científico no ambiente acadêmico*. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 1, n. 2, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/xHsy3pkHDq3w6Sm3PLvPRVL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2023.

MEIHY, José. *Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro*. Revista de História, n. 155, diciembre, p. 191-203, 2006.

PERRENOUD, Philippe. *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PESAVENTO, Sandra. *Indagações sobre a História Cultural*. Artcultura Revista do Nehac, Universidade Federal de Uberlândia, v. 3, n. 3, p. 9-15, 2002.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Projeto História. São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *PPGCMH – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano Regimento*. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgcmh/site/normas-e-resolucoes/regimento-interno>. Acesso em: 31 maio 2023.

SAMPAIO, Mario. *Vocabulário português – guarani*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2016.

SANTOS JUNIOR, Ernani. *Repositórios institucionais de acesso livre no Brasil: estudo delfos*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/5343>. Acesso em: 25 maio 2023.

SILVA, Haike. *Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia*. MÉTIS: história & cultura, v. 1, n. 1, p. 25-38, jan./jun. 2002.

SILVA, Terezinha; TOMAÉL, Maria. I. *Repositórios institucionais e o modelo Open*. In: TOMAÉL, Maria Inês (org.). *Fontes de informação na Internet*. Londrina: EDUEL, 2008.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Ed. UnB, 1998.